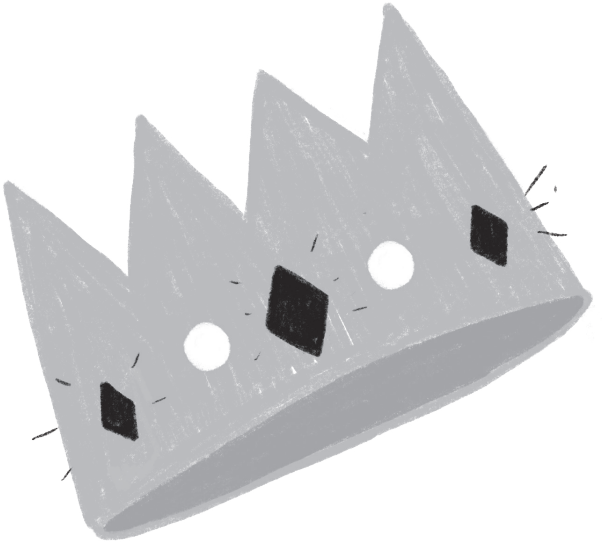


Era uma vez um palácio muito antigo e valioso, feito de pergaminhos[1] e manuscritos[2], onde moravam as palavras da Língua Portuguesa que queriam aprender as regras da Gramática para poderem formar frases, textos e fazerem parte de grandes livros, de histórias inesquecíveis, escritas por grandes autores.

O palácio era um monumento exuberante[3], transbordante[4] de palavras de todas as formas, feitios e significados. Forrado de poesia, tinha a beleza dos textos bordados a versos coloridos que decoravam os frisos[5] das paredes e ecoava vogais e consoantes que saltitavam, felizes, entre os corredores, formando sílabas e rimas emparelhadas, cruzadas e interpoladas, acompanhadas, muitas vezes, dos sinais de pontuação e de acentuação. Era nas árvores do jardim que as palavras exalavam[6] perfumes primaveris e cresciam sob o cuidado das Subclasses do Verbo que depois as recolhiam e as entregavam ao Rei Verbo Principal. Este alojava-as na sala da sua classe.



As regras da corte deviam ser respeitadas e, muitas vezes, o Rei, o Senhor Verbo Principal, aborrecia-se, porque havia frases mal construídas devido à falta de educação da classe de palavras.

Apesar de a saber extensa, não podia haver desculpas.

O Rei era um senhor respeitável. Tinha umas longas barbas brancas e usava um manto de fios de ouro, bordado pelas Vogais. A sua coroa era muito antiga. Herdara-a do Latim, uma língua morta, mas que fora muito importante para a Língua Portuguesa, a sua Rainha.

Era uma rainha venerada por todos os que habitavam no Palácio. Os seus longos cabelos eram enfeitados por ramos de versos. Tinha também vários vestidos, que usava conforme a ocasião.

Ora escolhia os mais modestos, para usar em textos não literários, ora os mais requintados[7], feitos para jantares de poesia e de literatura universal.

No palácio, havia três andares com muitas salas e salões, alas e exposições, escadas e corrimões, organizados por secções que, embora parecessem rígidos e isolados, eram todos importantes entre si.

As tapeçarias eram feitas de páginas de romances, protegidas por uma capa transparente, macia e finíssima, de papel de seda, e o Rei e a Rainha, muitas vezes, desfilavam juntos e de meias, para que ninguém se esquecesse da importância daquele lugar. Por isso, ninguém usava sapatos dentro do Palácio. Assim, o Rei Verbo Principal, quando organizava visitas guiadas, fazia questão de ler certas



passagens às palavras acabadas de nascer, emocionando-se com a beleza da Língua Portuguesa, a sua rainha.

No último andar, viviam os Recursos Expressivos, numa espécie de águas-furtadas. Era um andar muito requintado, cujas paredes eram forradas de poemas de autores muito importantes. Aí, havia também colunas de sublimes romances, marcos intemporais da Literatura, e uma fonte de onde brotavam arcaísmos[8], palavras muito antigas e que já não se usam. Esse andar tinha uma varanda virada para as estrelas e as palavras gostavam de a visitar, para aí fazerem amigos, conhecerem outras palavras,


mui
quiçá


Soidade
fermosa

construírem frases, conviverem com os Recursos Expressivos e escreverem poemas. No entanto, só o podiam fazer em dias de festa e quando houvesse garantia de que a Língua Portuguesa estava a funcionar com todo o rigor. As salas mais agitadas ficavam no rés do chão e nela moravam as Classes Abertas e Fechadas de Palavras. Habitavam lado a lado, numa ala muito turbulenta e muito barulhenta. As Classes Fechadas tinham sempre a porta fechada e não deixavam entrar ninguém. Faziam muito barulho e festas particulares. As Abertas passavam a vida à janela a chamar e a cumprimentar toda a gente.